



### Dia 29, em Viana do Castelo

## Traga um amigo também para abraçar Zeca Afonso

Com um espectáculo de grande rigor e qualidade artística, Zeca Afonso vai ser homenageado no próximo dia 29 em Viana do Castelo. A iniciativa é do Centro Cultural do Alto Minho e conta com a participação de Vitorino, Sérgio Godinho, Trovante, Janita Salomé, Shis e Grupo de Fados de Coimbra. O apresentador será António Vitorino de Almeida e o local o pavilhão de Monserrate, mesmo à saída da cidade, totalmente modificado e adaptado com a ajuda dos trabalhadores do estaleiro de Viana.

Três são os objectivos desta iniciativa que está a despertar enorme entusiasmo em todo o Norte do País: reconhecer e agradecer o trabalho desenvolvido por Zeca Afonso em prol do desenvolvimento qualitativo da música popular portuguesa; denunciar a grave situação que ele atravessa e alertar para que situações como a do Zeca Afonso não se repitam no Portugal do Abril; recomendar aos grupos parlamentares que tomem medidas no sentido de ser atribuída ao cantor-símbolo uma pensão vitalícia.

Os promotores insistem num ponto: o dia 29 de Março será mesmo um grande dia de festa, pois homenagear Zeca Afonso é «homenagear o amigo» e tratá-lo com a festa minhota «é homenagear a cultura popular portuguesa». Vamos, pois, com o «miúdo verde», com ou sem «tamanquinhas», assomir a festa, fazendo no dia 29 as «cantigas de Malo» e acarinhando o espectáculo «como se fora seu filho».

Antes da festa no pavilhão — que decorrerá das 20 às 2 da manhã,



drugada, com os artistas a actuar, cada um, durante 60 minutos, num espectáculo inédito — haverá, a partir das 16 horas, na Praça da República, uma verdadeira Festa Minhota: Zés-Pineiras,

Tuna de Chafé, Cantares do Minho, Grupo de Música Popular Bela Ceró e Armando Vale, apresentados por Lucílio Valdez e Mário Tomás, vão dizer como é que estas coisas se fazem.

Fazendo eco do apelo do Centro Cultural do Alto Minho: venham mais cinco e tragam um amigo também. A volta de um bar minhoto vamos todos cantar as Janeiras...

No espectáculo da noite de 29 de Março, Zeca Afonso não estará fisicamente presente: mas estará a sua filha Joana e uma mensagem gravada do Zeca. A jornada será, fundamentalmente — como ele e todos pretendem — uma oportunidade para «mexer em termos culturais e políticos» todo o Norte.

Entretanto, a partir do dia 23 deste mês e até 7 de Abril estará patente na Galeria Barca d'Artes uma exposição de artes plásticas em homenagem ao Zeca. Fizerá questão de expor trabalhos seus Júlio Resende, Jorge Ulisses, Matilde Marçal, Gil Teixeira Lopes, Ribeiro Farinha, Maria José Mateus, Nuno Barreto, António Alcino, Helena Cabral, Barros Lima, Isabel Lima, Júlio Capela, Fernanda Mourinho, Salvador Vieira, Manuel Rocha e António Silva. No dia 30 lá estará o poeta João Candelas com um «floreiro de Poesia» com passagem de dispositivos sobre Zeca Afonso.

Para afeando o Centro Cultural do Alto Minho: «Durante este período, numa «Barquinha que lá vai, lá vai» remaremos à «Barca d'Artes», no Largo de S. Domingos, em Viana do Castelo, para fruir aquela exposição. «E no dia 29, venham mais cinco (muitos) e «Tragam um amigo também». O preço do espectáculo é 450 escudos por cabeça...



«Cai a flor da laranjeira à cova incerta»

# LÁGRIMAS ANÓNIMAS E CRAVOS NO ÚLTIMO ADEUS A ZECA AFONSO

Ler na página 8

## Nem a morte...

Nem a morte, José Afonso, nem a morte calará a tua voz, voz belíssima de ouvir nas tuas canções, mas, sobretudo, voz generosa, solidária, por isso mesmo voz incômoda, voz perturbadora de egoísmos, alheamentos, ambições rasteiras dos que da vida, da relação dos homens têm uma visão estreita, imediatista, balizada por interesses estreitos e meaquinhos.

Nem a morte, José Afonso, nem a morte te afastará de nós, dos que longa e respetosamente te contemplaram enquanto atravessavas os caminhos da tua vida e da vida dos outros, dando-te sem pedir nada em troca, cantando como se em cada sílaba, em cada som ofertasses uma pedra nova e sólida para o sonhado edifício da fraternidade, do amor, da alegria, da glória repartida.

Nem a morte, José Afonso, nem a morte do teu corpo martirizado fará menos forte o teu exemplo de dignidade, de coerência, de humildade branda e consciente, antítese do servilismo que zurdias nos estúculos, esses que pagam com a louvarinha de espinha dobrada e a abdição de todo o respeito próprio as migalhas de tristes benesses.

Nem a morte, José Afonso, nem a morte conseguiu tirar-te a vida que pelos outros repartiste, porque repartida ela fica, intacta e luminosa, acompanhando-nos na perenidade de tua voz, das tuas canções de amor.

Não quisesse, José Afonso, luto no teu funeral. Foi, ainda e sempre, a tua coerência, e consciência plena do que fizeste, do que deixaste. Luto porquê? Para quê? Contra todos os lutos foi a tua carreira, a tua palavra, a tua música, o teu combate. Contra todos os lutos, os da fome, os da fome, os das agressões físicas e morais, contra os lutos de todas as violências foi a tua resistência em esperança e alegria. Dizem-me que as tuas últimas palavras, falando à Zéia, tua companheira, foram o sinal deixado, inquebrantável, da tua fé: «Nilo posso parar!».

Não paraste, José Afonso, não foi a morte do teu corpo que te fez parar. Muitos caminharão nos teus passos, levando-te pelo braço, envoltos pelas tuas canções.

Evidentemente, José Afonso, há quem não perceba nada, quem não tenha percebido nada. Para te perceber, e ao teu combate, era indispensável uma generosidade que não tem nada a ver com os pratinhos de lentilhas de tantas tristes refeições quotidianas. Esses, em verdade, morreram muito antes de ti, morreram e vão morrendo, deixando-te vivo, a cantar, incômodo, cabelo revolto, olhos-óculos falacantes, peito aberto e franco, tu, feliz por desejares tanta coisa para os outros e tão pouco, quase nada para ti próprio.

Um dia, disseste a alguns amigos que não precisavas de carro para coisa nenhuma, podias, perfeitamente — dizias tu — «andar de camioneta». De camioneta, Zeca, como os outros, como tanta gente. De camioneta, a pé, enfim, no carro velho que te obrigaram a acitar, andaste mais depressa, fulgurantemente, muito melhor do que os que fazem do carro uma meta de vida. Uma meta e um modo de vida, carro de vidros fechados aos sons, aos sofrimentos, às esperanças adidas de tantos.

Trovador, mestre-escola, perseguidor de quimeras, combatente raivoso e eufórico da liberdade, homem-canção, espírito-flor, não iria ser apenas a morte que acabaria contigo. Parece que o teu nome vai ser dado a uma rua de uma cidade, e outra rua de outra cidade. É possível que ruas, praças, escolas deste País que amaste verham a ter o teu nome, aqui, ali, mais além. É justo, é bonito, mas não seria preciso: o teu nome, José Afonso, está gravado, há muito, em corações incontáveis.

Parte, José Afonso, porque ficas.

Nem a morte...

Manuel Dias

## Editorial

# Grândola

**JOSÉ AFONSO**, que esta semana morreu, foi um daqueles homens que se tornou um símbolo em vida.

Ele compôs, sem o saber, o «hino do 25 de Abril» já que, quando escreveu a «Grândola», não adivinhava que os capitães viriam a usar a canção como senha do movimento.

Poucas canções terão alguma vez tido uma carga simbólica tão grande.

Escutada com emoção por uns, com azedume por outros, ela eternizou um momento fugaz; o momento mais ingénuo, mais puro, mais autêntico da revolução.

Depois viriam as divisões, as recriminações, as marginalizações, os golpes e contragolpes.

O «momento zero», porém, não se perdeu porque ele ficou cristalizado, suspenso, numa canção que o fará recordar para sempre no seu «estado de brancura».

**É JUSTO** que José Afonso tenha sido o autor da canção que eternizou esse momento; pode dizer-se que a sorte, que tantas vezes se desencontrou com o cantor, nessa altura esteve ao seu lado.

É justo, por três razões.

Em primeiro lugar, porque José Afonso era, ele também, um revolucionário em estado puro.

Revolto antes do 25 de Abril, revoltar-se-ia depois contra a floresta de enganos, hipocrisias, meias-verdades e meias-mentiras que fazem o quotidiano das forças partidárias.

Aproximou-se dos partidos — mas depressa se cansou deles.

Nunca se dobrou a convenções ou a conveniências.

Desiludiu-se mas não esmoreceu no combate por aquilo que acreditava ser a verdade.

Foi autêntico.

Dir-se-á que tinha uma filosofia rude.

O problema é que a sua linguagem não era a da filosofia mas a da música.

E esta é a segunda razão que torna justo o facto de José Afonso ter sido o autor da canção do 25 de Abril.

**DO CHAMADO** movimento de cantores de protesto, ele não foi apenas o precursor — foi sempre a «alma» e o principal ponto de referência.

O seu lugar jamais foi discutido.

Não porque José Afonso se publicitasse — ele manifestava um horror sincero e raro, em relação à publicidade pessoal.

Mas porque em nenhum outro cantor desse movimento existia uma unidade tão grande entre a vida e a canção; aquilo que ele cantava, e a sua forma de estar e agir, fundiam-se num corpo perfeito.

Integrando-se embora num movimento de protesto, José Afonso nunca foi um panfletário.

Jamais foi um mero propagandista.

A canção de revolta sala-lhe naturalmente de dentro com uma qualidade e uma transparência que ninguém, na sua geração ou na seguinte, terá atingido de forma tão continuada.

E é esta a terceira razão pela qual José Afonso foi o autor certo para eternizar o momento zero do movimento dos capitães.

**CONVÉM** reconhecer, na verdade, que a canção de protesto em Portugal nem sempre atingiu uma notável qualidade.

Como todos os movimentos de combate, ficou-se muitas vezes pelo terreno imediato da luta política raramente sendo capaz de se elevar acima do primarismo e do rudimentarismo das palavras e dos acordes.

José Afonso, porém, foi mais do que um resistente — foi um músico.

Por isso, as suas canções permanecerão para além do circunstancialismo do momento em que foram produzidas.

J.A.S.